

A Função social escolar e os “Rebeldes sem causa”: um diálogo entre a Escola Reprodutora e Grupos Estigmatizados

Lucas Spinelli Ferreira Silva

Universidade Federal Rural de Pernambuco / Unidade Acadêmica de Garanhuns
lspinelliferreira@hotmail.com

José Geneilson Maraba Alves

Universidade Federal Rural de Pernambuco / Unidade Acadêmica de Garanhuns
historiamaraba@hotmail.com

Jadiel Djone Alves da Silva

Universidade Federal Rural de Pernambuco / Unidade Acadêmica de Garanhuns
jadieldjones@hotmail.com

Resumo: É dever da Escola em sua função social além de capacitar para o mercado de trabalho e propiciar conteúdos científicos e culturais, formar cidadãos críticos, capazes de formularem convicções e reflexões sobre seus direitos, deveres e conceitos éticos. Porém a escola se torna em certos momentos, uma zona de conflito entre o jovem que se identifica com algum movimento de contracultura ao qual, o aluno, se identifica e a instituição escolar que reproduz conceitos preestabelecidos pela classe dominante. O objetivo desse trabalho é refletir sobre o processo de diálogo entre a escola, que em muitos casos se torna um aparelho reprodutivo da sociedade disseminando preconceitos e concepções equivocadas a respeito de algumas culturas, e os subgrupos que entram nas instituições escolares trazendo em si, comportamentos, gestos e aspirações das mais diversas tribos urbanas que estão às margens da sociedade.

Palavras-chave: Função social. Contracultura. Escola. Sociedade.

The school social function and the "rebels without a cause": a dialogue between the reproductive school and stigmatized groups

Abstract: It is the duty of the school in its social function in addition to training for the labor market and provide scientific and cultural content, form critical citizens capable of formulating convictions and reflections on their rights, duties and ethical concepts. However the school becomes at times a zone of conflict between the young man who identifies with some counterculture movement to which he is identified with the school institution that plays pre-established concepts by the ruling class. The aim of this paper is to discuss the process of dialogue between the school, which in many cases becomes a reproductive organs of society spreading prejudices and misconceptions about some cultures and subgroups entering in

schools bringing itself, behavior, gestures and aspirations of the various sub-groups on the margins of society.

Keywords: Social function. Counterculture. School. Society.

INTRODUÇÃO

A questão da função social da escola é imprescindível para que formação de um cidadão com autonomia e também de se proporcionar uma compreensão e visão de mundo, além de possibilitar a formação de um cidadão crítico. A função social tem como objetivo primordial formar cidadãos que exerçam sua criticidade, capazes de formularem suas próprias convicções, entenderem seus direitos e deveres para que possam compreender o seu espaço na sociedade além de propiciar a sua entrada no mercado de trabalho.

Também é função da escola garantir além da aprendizagem de conteúdos, os valores e conceitos éticos para a socialização do indivíduo. A instituição escolar deve propiciar conteúdos de leitura e da escrita, históricos, ciências e também conteúdos culturais em sua pluralidade, pois sem esses estudos, vivências e esse diálogo de conhecimentos sistematizados, dificilmente poderá se ter uma formação cidadã efetiva.

Tendo em vista a importância dada ao tema buscamos compreender a escola como instituição reprodutora assumindo por função objetiva conservar os valores que fundamentam a ordem social e buscamos notar como a instituição escolar dialoga com os grupos contraculturais estigmatizados pela sociedade que são reproduzidos pelos alunos dentro do espaço educacional e se há uma integração desses grupos em relação à função social escolar que além de proporcionar e respeitar a diversidade cultural, tem essa preocupação em integrar esses alunos no mercado de trabalho.

Com a finalidade de conhecer como esse tema é abordado no cotidiano de uma escola e relacionar os dados coletados ao referencial teórico utilizado, usamos alguns autores para fundamentar nossa pesquisa, como Bourdieu (1999), Saviani (1984), Dias e Marchi (2007). Propomos a responder aos seguintes questionamentos: como a escola promove a socialização dos seus alunos e, individualmente, como são constituídas essas relações no ambiente escolar?

Qual a concepção que a gestão e os alunos têm sobre os grupos sociais estigmatizados pela sociedade? Dada à natureza dos problemas apresentados, efetivamos em uma Escola Municipal da Cidade de Garanhuns – PE, uma pesquisa de campo segundo Gil (2008) com abordagem qualitativa segundo André (1995) e Minayo (1994), sendo instrumentos de nossa pesquisa a observação participante e entrevistas com a gestão escolar.

A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

A função social da escola é diversificada, complexa e deve ser entendida de forma ampla e é necessário ter a visão de que a instituição escolar não existe apenas para propiciar a apreensão de conhecimentos científicos e metódicos pelos alunos ou de ser um agente reprodutor da sociedade. Ela surge da necessidade que se tem de comunicar de modo sistematizado o conhecimento acumulado pela humanidade, o qual a sociedade julga necessário ser transmitido e exerce também a função de preparar o indivíduo para a cidadania e qualificá-lo para o mercado de trabalho, além de contribuir para o pleno desenvolvimento da cidadania, isso significa cuidar não apenas do processo de ensino, mas deve levar em consideração outras dimensões como, por exemplo, no campo sociopolítico cultural do indivíduo.

No ensino, é necessário está atualizado com as mudanças rápidas e contínuas do mundo exterior além dos muros da escola. Para a instituição educacional cumprir sua função social se faz necessária à criação de meios que permitam essa interação entre o ensino formal e o atual mercado de trabalho, sem esquecer a importância do conhecimento sistematizado e a vida cultural do aluno. Tendo essa conexão de saberes e vivências interligadas com os conceitos atuais do mercado de trabalho, se formará um cidadão com uma visão crítica e capaz de, não só interagir como indivíduo trabalhador, mas também de exercer a sua cidadania, socialização e interação com a sociedade. Nesse sentido, Sacristán e Gómez afirmam que:

A escola deve prover aos indivíduos não só, nem principalmente, de conhecimentos, idéias, habilidades e capacidades formais, mas também, de disposições, atitudes,

interesses e pautas de comportamento. Assim, tem como objetivo básico a socialização dos alunos. (2000, p. 14)

A instituição escolar tem em seu claro objetivo de desenvolver e provocar potencialidades cognitivas, físicas e afetivas nos alunos através das aprendizagens de conteúdos e contextualizar esses conhecimentos para desenvolver perante os discentes cidadãos críticos e atuantes na sociedade em que estão inseridos.

Configura-se então um grande desafio para a escola, torna-se um local que favoreça a questão do aprendizado e deixe de ser um simples ponto de encontro de iguais e passe a ser também, um lugar de encontro com o saber de uma forma prazerosa e efetiva conforme Libâneo (2005, p. 117):

Devemos inferir, portanto, que a educação de qualidade é aquela mediante a qual a escola promove para todo o domínio dos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos.

A escola deve propiciar e instigar o favorecimento do aprender junto aos alunos e também mostrar a razão dessa importância do saber e de quanto é fundamental e significativo adquirir conhecimentos nas mais diversas áreas de ensino. Os alunos tendo essa compreensão de que o conhecimento e a aprendizagem se sobrepõem as ideias e conceitos que levam ao consumismo, vão futuramente, ter uma certa segurança e pontos diferenciais para ingressarem em um mercado de trabalho tão competitivo. São necessários também, diálogos e políticas que possam fortalecer a comunicação entre a comunidade, nesse caso representada pela família e a instituição escolar, para que os alunos além de alcançarem resultados positivos no seu percurso educacional tenham êxitos também em seus projetos de vida.

Por sua vez, a família é participante e também responsável pelo cumprimento da função social e tem um papel importante nesse processo, contribuindo com a escola nesse aspecto de formar um cidadão crítico. Essa união entre família e escola torna-se necessária para que a prática da função social da escola seja repensada pela comunidade escolar que exercem no cotidiano sua interação social na comunidade onde a instituição está inserida. Nesse sentido, a Constituição Federal define: Art. 205. A educação, direito de todos e dever

do Estado e da família, será promovida com a colaboração da sociedade, visando ao pleno da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p. 121)

Diante desses aspectos, se faz necessário que a escola mantenha uma função de ensino baseada na transformação e formação do sujeito crítico. Não resumir suas atividades a uma educação bancária notada em Pedagogia do oprimido obra de Paulo Freire (1987), no qual o professor apenas transmite seus conhecimentos sem oferecer nenhuma oportunidade para que o aluno possa posicionar-se sobre o assunto, assim o aluno precisa ser um sujeito ativo na construção do conhecimento.

A escola não pode exclusivamente produzir indivíduos competentes para o mercado de trabalho, mas deve estar interessada em buscar a formação dos seus alunos enquanto ser histórico, político, social e cultural, produzindo e socializando o conhecimento, para a construção de indivíduos críticos e com sua autonomia e compreensão dos aspectos culturais.

A FUNÇÃO REPRODUTORA NO SISTEMA DE ENSINO

O sistema educacional, mesmo que de maneira implícita, é um dos meios que contribuem na conservação e na reprodução social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais. Porém é necessário promover a instituição escolar como espaço sociocultural, fomentando características que constituam a formação de um cidadão crítico no contexto social em a qual está inserido.

A escola se depara com um confronto de interesses: de um lado, uma organização oficial do sistema, onde atribuem conteúdos a serem trabalhados e assim como a sociedade que existe fora dos muros da escola também organiza, separa e hierarquiza o espaço que seria privilegiado pela interação dos indivíduos, segregam e estigmatizam os que se identificam com grupos sociais não convencionais. Do outro lado, os sujeitos participantes do cotidiano escolar, alunos, professores e funcionários criam suas próprias interações, fazendo da escola um espaço permanente de construção social onde se torna nítida a reprodução das relações sociais.

Nota-se que a função reprodutora no sistema de ensino serve de instrumento de legitimação das desigualdades sociais. A escola conservadora mantém a dominação do status quo sobre as classes populares, sendo representada como um instrumento que reforça as desigualdades e como reprodutora cultural, pois há o acesso desigual à cultura segundo a origem de classe. Neste sentido, Bourdieu afirma:

A cultura escolar é tão próxima da cultura da elite que as crianças das classes populares não podem adquirir, senão com muito esforço, o que é herdado, pelos filhos das classes cultivadas. Assim, a função da escola – organizar o culto de uma cultura – só pode ser proposta a todos, mas, de fato, está reservada aos membros das classes às quais pertence à cultura cultuada. (1999, p. 58)

Nesse contexto, entendemos que a escola assume por função objetiva conservar e reproduzir os valores que fundamentam a ordem social dominante e se torna excludente com os grupos estigmatizados culturalmente alternativos. Ainda nesse sentido, pode-se afirmar que a escola é um aparelho ideológico visando à difusão da ideologia burguesa e contribuição para a formação da força de trabalho e nesse aspecto a escola reforça e dá legitimidade a marginalidade que é produzida socialmente. Dessa forma Savianni aponta que:

A escola é, pois, um aparelho ideológico, Isto é, o aspecto ideológico é dominante e comanda o funcionamento do aparelho escolar em seu conjunto. Conseqüentemente, a função precípua da escola é a inculcação da ideologia burguesa. (1984, p. 31)

Ainda nessa perspectiva de homogeneização cultural que a escola apresenta e que é reflexo do pensamento da classe dominante, é importante uma construção de um diálogo entre as culturas múltiplas, a qual os alunos são expostos fora dos muros da escola e que, trazem consigo e o corpo gestor da instituição de ensino, que por sua vez apresenta certa censura com o que configure ser diferente dos padrões estabelecidos pela sociedade. Deve-se haver uma interação entre os sujeitos escolares e as diversas manifestações culturais para que haja uma valorização e respeito do “outro” e não apenas silenciar e estigmatizar. A escola deve sair do conformismo do padrão e instigar e fomentar o pluralismo cultural. Dessa forma, Candau e Moreira (2003) afirmam:

Em vez de preservar uma tradição monocultural, a escola está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para a manifestação e valorização das diferenças. É essa, a nosso ver, a questão hoje posta. A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença, e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar. (p. 161)

Na escola a qual nos propomos a realizar nossas observações pudemos constatar que por diversos momentos, a gestão não promovia diálogos com os estudantes ou uma tentativa de usar as tendências culturais, que são tão diversas nos alunos, como uma forma de inclusão, mas sim uma omissão por parte da equipe gestora. Em conversas informais com os discentes, notamos que os participantes dos grupos são separados na sala de aula e apenas era permitida a interação entre eles na hora do intervalo que é realizado no pátio, sendo assim esse espaço em especial vira uma verdadeira vitrine de comportamentos e trejeitos dos grupos a qual relatamos nesse presente artigo.

SOCIEDADE E FORMAÇÃO DE GRUPOS

Em nossa pesquisa além de conhecer o processo de socialização desenvolvido pela instituição analisada e pelos alunos, se faz necessário entendermos como se dá a formação dos grupos sociais estigmatizados que surgem na escola. É nas dependências da escola onde o ambiente dinâmico e complexo em que grupos de estudantes se formam a partir de diversos fatores como idade, status, sexo e diversos outros interesses.

Assim, a abordagem qualitativa foi necessária para o presente artigo, pois permitiu observar e compreender no processo de campo, a importância da sociabilidade e da interação entre os jovens a partir das instituições tradicionais como escola, igreja, família e também de formas atuais de agrupamentos juvenis como as torcidas organizadas, os *punks*, *funkeiros*, *nerds*, etc.

Essas constatações não poderiam ser quantificadas, então de acordo com Minayo (1994) esse tipo de abordagem é fundamental para se compreender na pesquisa, o universo dos significados, aspirações, crenças e valores e atitudes do sujeito em foco.

Os agrupamentos se formam por adesão a ideias e gostos em comum, como por exemplo, afinidades no universo artístico, políticos e religiosos por exemplo. Esse ajuntamento ocorre no esforço de se sentirem notados e se diferenciarem de outras gerações, mas também de expressar as individualidades. Na escola durante o trabalho de campo, em nossas observações percebemos o quanto as meninas ficavam em sua roda de conversa e que os meninos ficavam entre seus iguais: a turma do futebol que discutia resultados de jogos e brincavam com uma bola ou alunos que tinham em comum o gosto por um estilo musical, estilo esse que ouviam de forma tímida através do telefone celular na hora do intervalo. A formação desses grupos que se formam nas dependências da escola se caracteriza por afinidades e identificação de ideias e gostos mútuos similares, as quais se caracterizam por:

1-Grupos de idade: formados pelos adultos (professores, administradores, auxiliares) e pelos “imaturos” (estudantes) que têm em comum a pouca idade e a posição subalterna de “alunos”; 2-Grupos de sexo: apesar da unificação do ensino para os sexos, a relação (próxima/distante) entre gêneros varia com a idade; 3-Grupos associativos: formados a partir da associação propiciada por atividades realizadas em comum; 4-Grupos de Status: formados pela estratificação própria da escola onde os membros têm diferentes posições; (DIAS E MARCHI, 2007, p. 17)

Portanto, em nossas observações no campo onde a pesquisa foi realizada, a formação de grupos estigmatizados mais em evidência nessa escola municipal de área urbana na cidade de Garanhuns dois grupos distintos: os funkeiros e as patricinhas. Munidos com esses dados, recorreremos a uma base teórica para entendermos essas manifestações contraculturais nesse ambiente educacional em questão.

CONTRACULTURA

Para uma melhor concepção das identidades grupais constituídas pelos alunos se fez primordial a análise do conceito de contracultura em subgrupos constituídos na escola e suas influências no âmbito educacional. A contracultura onde a principal característica do movimento foi a profunda crítica ao sistema vigente e aos padrões pré-estabelecidos e heterogêneo que a classe dominante propõe.

Os jovens que integraram nesse movimento surgido no início da década de 1960, tinham em suas atitudes de contestação aos valores morais e estéticos da sociedade e promoviam revoluções em seus modos de vestir. Suas roupas e penteados tornavam-se símbolos desse universo paralelo que eles elaboraram para romper com os modismos das elites. A contracultura é um movimento que se difere do conceito de cultura clássica e formal e geralmente os adeptos buscam influências nas ruas ou em formas alternativas de vivências e experiências. De acordo com Pereira:

A contracultura é a cultura marginal, independente do reconhecimento oficial da sociedade. No sentido universitário do termo é uma anticultura. Obedece aos instintos desclassificados dos grupos acadêmicos. (1985, p. 9)

Os festivais de músicas como, por exemplo, o Woodstock realizado na zona rural de Nova York nos Estados Unidos, o consumo de drogas e a postura libertária afirmavam a identidade desses jovens que por meio da arte e da música mostravam suas posições e suas alternativas de vida. Esse movimento contestatório contracultural Segundo Pereira (1985), chegou ao Brasil ainda nos anos 60 dando origem ao grupo de artistas que criaram a Tropicália, que contava com artistas como Gilberto Gil, Caetano Veloso e Mutantes.

Esse movimento musical inovou a música popular brasileira, trazendo em suas letras versos irreverentes que rompiam com o tipo de música feito pela classe dominante. Em suas roupas e estilos também havia a influência do estilo hippie que contestava os padrões elitistas da sociedade. Sendo assim, o movimento contracultural ainda hoje se torna referência quando se discute a respeito de estilos musicais ou tendências de moda e comportamentos que fogem do ideário da classe dominante.

Diante dessa ideia de contracultura, os alunos que se identificam com alguma ideia do pluralismo cultural que difere do que está posto como “aceitável” pela sociedade são logo marginalizados e estigmatizados causando assim, o estranhamento com a gestão e pelos professores da escola, pois os mesmos como foram notados por nós na realização da pesquisa, preferem ignorar essa diversidade de culturas e movimentos existentes dentro do espaço educacional, perdendo assim a oportunidade de interação e de estratégias para inserirem esses alunos em um contexto de aprendizagem mediante a utilização de sua própria manifestação

cultural. Diante disso, a escola estudada contradiz o que o PCN de pluralidade cultural e orientação sexual (2001, p. 52) diz que cabe a escola construir relações de confiança com o aluno e que também deve-se perceber e viver as manifestações culturais que partilham com seu grupo e que possa ser trabalhada em seu desenvolvimento pessoal.

SUBGRUPOS IDENTIFICADOS NA ESCOLA: PATRICINHAS E FUNKEIROS

Quando nos propusemos a observar e analisar os conceitos de contracultura em subgrupos constituídos na escola pesquisada e suas influências no âmbito educacional nos deparamos com o grupo das patricinhas, meninas vaidosas que andavam bem vestidas e que não estabeleciam um tipo efetivo de sociabilidade com os demais alunos ou outros subgrupos existentes nas dependências da escola.

Para se compreender sobre esse grupo estigmatizado é importante entender a origem do nome e as características que acompanham as meninas que se identificam a esse termo. Muller (2004) aponta que a revista *Veja* Rio de 1991, em uma matéria que falava de uma ‘boa moça’ chamada Patrícia Leal, onde nessa matéria, havia uma descrição que a definia como bonita, divertida, elegantíssima e que gostava de dinheiro, não cheirava cocaína e cultivava hábitos saudáveis.

Podemos entender o sentido da gíria, que não subvertem a moral da sociedade e que valorizam o dinheiro e a aparência. Desde então a categoria patricinha é usada para identificar as ‘boas moças’ muito preocupadas com as aparências. (MULLER, 2004, p. 47)

Na instituição escolar onde realizamos a pesquisa, notamos que as estudantes que se identificavam com esse grupo social em sua maioria evitavam o uso do fardamento escolar, usavam roupas em que as marcas estampadas eram imitações de grifes originais e sempre andavam com suas bolsas munidas de maquiagem e espelho e apenas estabeleciam relações entre elas. Falavam entre si sobre assuntos diversos como música, citando artistas do seguimento pop e também de roupas, acessórios de moda e timidamente sobre namoros.

Em determinada ocasião quando estávamos observando as festividades do Dia da Consciência Negra organizada pela direção da escola, pela ausência de cadeiras suficientes para acomodar todos os estudantes que iriam assistir as apresentações no pátio, a coordenadora pedagógica solicitou que as patricinhas sentassem no chão para darem a preferência aos alunos do 9º ano e elas prontamente se recusaram e em nenhum momento estabeleceram algum tipo de socialização com os outros estudantes. Na ocasião também notamos a presença do subgrupo dos funkeiros na escola onde desenvolvemos a pesquisa e que no próximo tópico do presente relatório iremos conceituar.

O *funk* é um gênero musical que se originou nos Estados Unidos na segunda metade da década de 1960, quando músicos afro-americanos, misturando ritmos como o *soul* e o *jazz* e criaram uma nova forma de música rítmica e dançante, mas somente com as inovações do cantor americano James Brown em meados dos anos 1960 é que o *funk* passou a ser considerado um gênero musical distinto. Silva (2012) afirma que O termo “*funk*” sempre foi associado ao sexo. Tratava-se de uma gíria dos negros americanos para designar a dor do corpo durante as relações sexuais.

No Brasil o *funk* se estabeleceu nas favelas do Rio de Janeiro e tornou-se um dos maiores fenômenos de massa do Brasil. Na década de 1980 os bailes do Rio de Janeiro começaram a ser influenciados por um novo ritmo *funk* oriundo da Flórida nos Estados Unidos, que trazia músicas mais erotizadas e batidas mais rápidas. Atualmente o estilo musical, embora apresente expansão mercadológica, continua sendo alvo de muita resistência da sociedade, sendo bastante criticado por intelectuais.

O *funk* carioca Segundo Essinger (2005) costuma ser criticado por sua pobreza criativa; por apresentar uma linguagem obscena e vulgar; e por fazer apologia à violência e ao consumo e ao tráfico de drogas. Outro problema relatado desse ritmo é o volume no qual costuma ser executado: bailes quase sempre, não respeitam qualquer limite quanto ao volume de som, infringindo leis relativas ao limite de volume permitido em ambientes públicos.

Com o advento das redes sociais e sites de compartilhamentos de vídeos, os jovens das mais distantes cidades do país têm acesso às músicas e aos videoclipes dos novos cantores e grupos de *funk* ostentação, que diferentemente do início do movimento musical que tinha

como características a exaltação as comunidades pobres e temáticas sociais, hoje buscam em suas letras valorizarem o consumismo e a promiscuidade. De acordo com Freire (2012) O *funk* de ostentação tem seu local de nascimento a capital paulista de São Paulo, onde surge amparado por temáticas ligadas a status social, a partir de consumo de bens, como roupas de grife.

Após conversas informais com alunos da escola onde foi o nosso foco de pesquisa, que se denominaram funkeiros, notamos que além da característica comum de ouvirem as músicas de ostentação aos bens materiais e de cunho promiscuo, notamos o uso dos bonés de “aba reta” e durante nossas observações eles comentaram que para ser funkeiro o adepto desse grupo deveria usar e de preferência um modelo que fosse imitação de alguma grife da moda. Durante o evento do Dia da Consciência Negra os alunos funkeiros interagiam entre si e também com os outros estudantes e através do Bluetooth dos seus aparelhos celulares socializavam entre si vídeos e músicas do MC Daleste, cantor assassinado com tiros de arma de fogo em julho de 2013 em Campinas São Paulo, durante sua apresentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Novas formas de comportamento e de agrupamentos e a conseqüente busca de identidade e autoafirmação entre jovens têm sido tema de reflexão principalmente no que diz respeito à sociabilidade no espaço escolar onde, os jovens vivem grande parte do seu tempo. Assim, procurando sintetizar as reflexões que foram apresentadas nesse artigo, retomamos a ideia que os jovens procuram estabelecer com outros jovens uma socialização e uma busca da sua identificação como seres que querem ser reconhecidos perante a comunidade que estão inseridos, porém a escola é uma reprodutora da exclusão social que o *status quo* impõe aos que estão a margem.

O sistema educacional atualmente tem o desafio de tentar integrar estes estudantes as possibilidades da função social da escola que se propõe não apenas a disponibilizar conteúdos curriculares sistemáticos e metódicos e a inserção desses estudantes ao mercado de trabalho

como também deve propiciar a cidadania e o direito de se manifestar na diversidade cultural existente em seu cotidiano.

Na instituição escolar onde foi realizada a presente pesquisa, ficou evidenciada que os professores e direção da escola tentam separar os grupos contraculturais apontados nesse artigo, quando poderiam se socializar com esses subgrupos para através das características que a função social apresenta, dialogar e respeitar as diferenças e as particularidades dos indivíduos, porém a instituição educacional onde foi o nosso foco de estudo possui características de uma escola reprodutora de uma sociedade que é excludente.

Percebe-se aqui o ‘estranhamento’ ao que não é próprio nem valorizado pela classe dominante, mas visto como característica negativa dos participantes desses subgrupos estigmatizados. Essa atitude se contrapõe com as ideias contidas no PCN que trata de pluralidade cultural dos temas transversais (2001, p. 81) que diz sobre a diversidade cultural ganhar um especial significado de propiciar relações de equilíbrio democrático e de coexistência de diferentes grupos e comunidades étnicas e culturais. Cabe a gestão escolar o entendimento dos simbolismos culturais e compreenda a manifestação cultural diversa que emerge do convívio escolar no cotidiano dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M.E.D.A. de. **Etnografia da prática escolar**. Editora Papirus, São Paulo. 1995.
- BOURDIEU, P. **A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. In NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. **Escritos de Educação**. 2º Edição. Editora Vozes, Petrópolis: 1999.
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**, 35º Edição. Brasília, 1998.
- BRASIL, **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Ministério da educação. 3º Edição. Brasília, 2001.
- DIAS, Darlan Carlos. MARCHI, Rita de Cássia. **tribos na sala de aula: um estudo sobre “culturas juvenis” na escola**. FURB – Universidade Regional de Blumenau, 2007.
- ESSINGER, Silvio. **Batidão: Uma história do Funk**. Editora Record, Rio de Janeiro. 2005.
- FREIRE, Libny Silva: **Nem luxo, nem lixo: Um olhar sobre o funk da ostentação**. PUC – RIO, 2012.
- GIL. A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Edição. São Paulo, Atlas, 2008.
- LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA J. F.; TOSCHI M. S.; **Educação escolar: políticas estrutura e organização**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social, Teoria, método e criatividade**. 22ª edição. Editora Vozes, Petrópolis. 1994.
- MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. CADAU, Vera Maria. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos**. Revista brasileira de educação. 23ª Edição. Rio de Janeiro, 2003.
- MULLER, Elaine. **As patricinhas no mundo do shopping center: um discurso e algumas práticas juvenis bem comportadas**. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2004.
- PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é Contracultura**. Coleção primeiros passos. Editora Brasiliense. São Paulo – SP, 1985.
- SACRISTÁN, J.; Gimeno. GÓMEZ, A. I **As Funções Sociais da Escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência**. Compreender e Transformar o Ensino. Editora Artmed, Porto Alegre, 2000.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 4ª Edição. Editora Cortez, São Paulo, 1984.
- SILVIA, Vanessa Couto. **A invasão do funk: embates entre racismo e conhecimento na sala de aula**. USP. São Paulo, 2012.